



## NO BICO DA CORUJA: SAMBA, RESISTÊNCIA CULTURAL E SUBJETIVIDADES EM MACAÉ/RJ

Alexandre Fernandes Corrêa \*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/Campus Macaé

[alexandre.correa@pq.cnpq.br](mailto:alexandre.correa@pq.cnpq.br)

Diógenes Antônio Moreira Júnior \*\*

Colégio Aprovado – Macaé

[dornijunior@bol.com.br](mailto:dornijunior@bol.com.br)

**RESUMO:** Este artigo resulta de uma breve incursão etnográfica no lugar conhecido como Bico da Coruja no Centro de Macaé/RJ. Apresenta uma análise de aspectos das relações intersubjetivas dos frequentadores (habitués). Através desta pesquisa no campo da música, mais propriamente do choro e do samba de raiz, investiga-se acerca das subjetividades e sociabilidades produzidas. Trata-se de uma reflexão sobre um lugar antropológico (Augé) de diferenciação à lógica hegemônica de lazer e entretenimento no que se refere aos campos cultural e artístico. Observa-se como resistência às tendências de laços sociais líquidos na urbanidade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Samba, Resistência Cultural, Subjetividade, Macaé, Bico da Coruja.

## IN THE "BICO DA CORUJA": SAMBA, CULTURAL RESISTANCE AND SUBJECTIVITIES IN MACAÉ / RJ

**ABSTRACT:** This paper is a result from a brief ethnographic incursion to a place known as “*Bico da Coruja*”, in Macaé’s downtown. It analyzes the aspects of the intersubjective relations of the regulars (habitués). Through this research in the field of music, more precisely the “choro” and the “samba de raiz”, we focus and investigated about the subjectivities and sociabilities produced on that location, by the institutional agents or by the habitués. It’s a reflection on an anthropological (Augé) place of differentiation to the hegemonic logic of leisure and entertainment in the cultural and artistic fields. It is observed as resistance to the tendencies of liquid social bonds in contemporary urbanity.

**KEYWORDS:** Samba, Cultural Resistance, Subjectivity, Macaé, Bico da Coruja.

---

\* Professor Associado (UFRJ Macaé). Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP), Coordenador do CRISOL – Grupo de Pesquisas e Estudos Culturais e Urbanos (CNPq/UFRJ Macaé), Coordenador da Pós-Graduação em Humanidades – PGHUM e membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCiAC (UFRJ Macaé).

\*\* Professor do Colégio Aprovado (Macaé). Bacharel em História (UERJ). Especialista em Humanidades na Contemporaneidade (PGHUM - UFRJ Macaé).

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades.

Zygmunt Bauman, 2007

O incremento da aceleração das transformações na infraestrutura tecno-econômica produz efeitos tardios nas superestruturas culturais e subjetivas da sociedade humana. Tal fenômeno de desencaixe e de descompasso histórico já foi apontado por diversos autores já clássicos, tais como Benjamin<sup>1</sup>, Williams<sup>2</sup>, Jameson<sup>3</sup>, Giddens<sup>4</sup>, Bauman<sup>5</sup>, etc. e tem recebido designações diferenciadas em autores mais contemporâneos desde a publicação do célebre *Condição Pós-Moderna* de François Lyotard.<sup>6</sup> Nessa trilha interpretativa estes diversos autores, - alguns dos quais buscamos referências basilares -, consideram nosso momento histórico fortemente impactado pelo fenômeno da globalização e/ou mundialização<sup>7</sup>, oferecendo expressivas leituras das interações e fragmentações, conexões e fissuras, promovendo desterritorializações e desenraizamentos, contudo concomitantemente novos laços e redes de sociabilidade se fazem surgir e emergem em novas combinações, ressurgências identitárias e resistências culturais e subjetivas. Portanto, o efeito desses processos não é recebido de modo passivo pelos indivíduos e comunidades.

Neste panorama, a modernidade vai sendo repensada e redefinida como projeto concluído ou inacabado e em contínuo movimento de turbilhão, com atualizações históricas, sendo interpretada pelos intelectuais, com suas hermenêuticas, mas, principalmente, vivenciada por multidões que produzem um tipo de sociedade neofílica,

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica: Arte e política. vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. **Política do Modernismo**. São Paulo: UNESP, 2011

<sup>3</sup> JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2007

<sup>4</sup> GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2007.

<sup>6</sup> LYOTARD, François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998.

<sup>7</sup> IANNI, Octávio. **Globalização: novo paradigma das ciências sociais**. In \_\_\_\_ Estudos Avançados, 8(21), 1994.

como aponta Gilles Lipovetsky.<sup>8</sup> Nesse nosso estudo, nos debruçaremos mais especificamente nessas vivências da transformação, e nas suas resistências residuais, como é o caso do que nos parece ser expresso em traços particulares no Bico da Coruja.

Nosso olhar sobre as relações de sociabilidade entre músicos e *habitués* que se encontram há décadas nesse bar boêmio de Macaé, está calcado sobre essa dialética entre o global e o local. Assim, o cenário conjuntural panorâmico serve como pano de fundo e está intimamente relacionado com os fluxos do vivido nesse espaço social urbano singular. Considerando o vasto leque de possibilidades teóricas fecundas que a Sociologia urbana nos oferece hoje, acerca das transformações contemporâneas em curso acelerado, tomamos os textos e pesquisas de Zygmunt Bauman<sup>9</sup>, acerca da liquidez moderna, como guia fundamental, sobressaindo do conjunto teórico, especialmente no uso da forte metáfora consagrada do elemento líquido.<sup>10</sup> Elemento pertinente para descrever a dialética dos processos que vêm se perpetrando em tantas dimensões e instâncias socioculturais e subjetivas nesse início de século XXI. Como salienta o autor anglo-polaco, vivemos um estado de impermanência, fluidez e incapacidade de manutenção das formas solidificadas (ossificada), no qual instituições, valores e comportamentos se transformam antes de se consolidarem em costumes e hábitos mais sólidos e permanentes. Vivemos o avanço da fragmentação e da flexibilidade nas interações sociais, com a proliferação de aspectos afetados/produzidos pela liquidez e atravessando as fronteiras tradicionais do imaginário social moderno. Podemos realçar alguns traços marcantes e dramáticos desse processo avassalador: a

---

<sup>8</sup> LIPOVETSKI, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2000. BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003

<sup>10</sup> Nota-se que esta expressão dialoga com a clássica frase de Karl Marx e Engels que aparece no *Manifesto Comunista* de 1848: “Tudo que é sólido desmancha no ar”. Na edição portuguesa (1982) temos a seguinte tradução do alemão: “O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições, a incerteza e o movimento eternos distinguem a época burguesa de todas as outras. Todas as relações fixas e enferrujadas, com o seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo o que era dos estados [ou ordens sociais – ständisch] e estável se volatiliza, tudo que era sagrado é dessagrado, e os homens são por fim obrigados a encarar com os olhos bem abertos a sua posição social na vida e as suas relações recíprocas”. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas: tomo I**. Lisboa: Avante!, 1982, p. 110. O estado líquido no qual Bauman fixa sua análise da alta modernidade, em termos físicos, está entre o estado sólido e o gasoso. Em Marx e Engels parece que pelo processo da sublimação física – da passagem direta do sólido para o gasoso – a sociedade se gaseificaria sem passar pelo estado líquido (“se volatiliza”). Em Bauman temos uma análise pautada num estado de sociedade “líquida” que os dois autores clássicos citados não vieram a conhecer em vida.

crise de soberania dos governos nacionais; o hiperconsumo hedonista e predador; a desterritorialização da produção e precarização dos direitos e benefícios sociais; a colonização do espaço público pela iniciativa privada; as nostalgias, retrotopias e distopias coletivas; a efemeridade dos relacionamentos afetivos e a intensidade da vida intersubjetiva nas redes virtuais; a sociedade do descarte dos objetos e dos indivíduos<sup>11</sup>; o narcisismo massificado e a “mixfobia”.<sup>12</sup>

Destarte, a reflexão sociológica baumaniana acerca da modernidade líquida não será utilizada como uma leitura exclusiva do mundo, única a destacar as nuances de nosso tempo, de suas interfaces socioculturais e subjetivas ou da descrição das relações entre os grupos humanos atualmente. Temos outras análises igualmente potentes da realidade sociológica atual, que concorrem para o mesmo ponto de análise aqui destacado, qual seja, da hegemonia da fluidez e da dominância cultural e subjetiva da flexibilização das relações humanas na sociedade contemporânea. E assim, como existem outras designações para caracterizar o fenômeno sociocultural contemporâneo<sup>13</sup>, existem concomitantemente outras concepções acerca da sociabilidade, das novas formas de composição intersubjetiva e da construção de laços sociais na atualidade.<sup>14</sup> Portanto, a escolha do conceito de liquidez utilizado por Bauman se mostrou bastante adequada e pertinente na investigação realizada no campo empírico de nosso estudo. Ocasão em que mergulhamos no convívio da comunidade em tela, nas suas práticas culturais e subjetivas, onde encontramos o diálogo constante e

---

<sup>11</sup> Sobre esta reflexão é muito interessante o conceito de Slavoj Žižek no livro *“O ano em que sonhamos perigosamente”*. Ele aponta sobre o estágio atual do capitalismo global, responsável por ultrapassar o fenômeno da mais-valia. O sistema tem em uma velocidade impressionante produzido, por um lado, o fenômeno do “mais-trabalho”, por outro, os “inimpregáveis”, uma legião de indivíduos desapropriados de sua cidadania, do seu “lugar”, de suas identidades, literalmente reificados em sua condição ontológica. ŽIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo, Boitempo editorial, 2012.

<sup>12</sup> Conceito expresso por Bauman na obra **Tempos líquidos** (2007). A mixfobia remete ao crescimento do medo dos estranhos entre muitas sociedades ocidentais, fenômeno em ascensão nas cidades por conta das novas fronteiras do mundo globalizado e a recorrente interação entre grupos e culturas plurais.

<sup>13</sup> Tais como *Hipermodernidade*, de LIPOVETSKI, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D’água, 1989 e *Supermodernidade*, de AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/SP: Paupirus, 1994. Somando-se aos autores já referidos mais acima no texto.

<sup>14</sup> Sobre esse tema encontra-se o trabalho da socióloga Giuliana Leal que toma Macaé como foco de pesquisa empírica com migrantes nacionais. LEAL, G. F. **“Terra de ninguém”? Vivência do espaço e criação de laços sociais e pertencimentos em uma cidade com alta taxa de imigração**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 1, p. 83-96, mês. 2016.

vivo entre a modernidade e a tradição, numa cidade que, como se verá, foi atravessada por transformações violentas em curto espaço de tempo, e na qual o tecido sociocultural foi avassaladoramente transtornado em sua organicidade histórica, e lançado à deriva na velocidade fluída do capitalismo atual. Macaé, a capital nacional do petróleo, veste como uma mão na luva a expressão de sua liquidez atual, diluída no óleo e volatizada no gás que processa em suas estruturas industriais hodiernas.

Através do estudo e pesquisa sobre as formas de resistência cultural e subjetiva à esse processo violento de desenraizamento e desterritorialização da região do Norte Fluminense, procuramos compreender as lógicas de produção de lugares antropológicos de enfrentar estas forças capitalísticas. Ao investigamos os canais alternativos da sociabilidade, pretendemos colocar em perspectiva reflexiva as relações sociais e subjetivas ainda vivas naquele espaço social.

## NO BICO DA CORUJA

Nossa incursão etnográfica se deu calcada nos métodos de pesquisa desenvolvidos em investigações em meio urbano e em sociedades complexas. Podemos sintetizar numa breve citação a natureza dos procedimentos realizados na nossa observação no campo empírico, baseada na técnica do *tracking*:

“Pôr-se à espreita” (*tracking*) é um dos traços da observação participante. Isto consiste em observar o maior número de situações possíveis no decorrer da pesquisa de campo. Pela “espreita”, o pesquisador tenta ver aquilo que o sujeito vê. (...). A “espreita” etnográfica é uma solução para o problema da posição do observador face à diversidade dos comportamentos sociais. Permite não apenas observá-los, mas também descobrir o que os participantes dizem a esse respeito.<sup>15</sup>

Buscando alcançar e apreender o máximo de significados possíveis dessa convivência no espaço social das relações entre os membros do grupo musical, os frequentadores e *habitués* do bar, no período de um ano, que sistematizamos a observação mais intensa e organizada. Mas as relações com o lugar, o grupo e o samba já vêm de experiências de anos anteriores, quando apenas se participava de modo esporádico e eventual das rodas de samba e choro nesse mesmo bar. Dessa vivência

---

<sup>15</sup> COULON, Alan. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995a. p. 91.

exploratória podemos extrair os dados etnográficos, ou microssociológicos<sup>16</sup>, que se seguem.

Localizado na Rua Benedicto Lacerda<sup>17</sup>, n. 134, no Centro de Macaé, o Bico da Coruja é um bar com alvará da Prefeitura para funcionar como lanchonete. Desde a sua inauguração, sempre foi o espaço "do papo", "do bom papo", "de um barzinho muito singelo, simples", conforme é repetido pelos músicos, artistas e frequentadores que contribuem para a construção da identidade singular do lugar. Como se pode constatar com facilidade, logo de imediato nas primeiras visitas ao local, o bar tem uma aura *outsider*, diferenciado e que foge aos padrões standartizados de consumo e entretenimento dominantes. Com o desenvolvimento da pesquisa descobre-se que a história da lanchonete se confunde com a própria história do samba e do choro em Macaé e na região. Lugar pleno de lendas, casos curiosos, histórias de vida e de fluxos imanentes de subjetividades formadas na cultura do sambista e do amante do choro. Assim, o "lugar"<sup>18</sup> da boemia<sup>19</sup> macaense se define, seja na sua trajetória histórica, seja na sua arquitetura e instalações, - alheias a *gourmetização* do setor de turismo, entretenimento e serviços -, ou na sua memória material ou imaterial, como um espaço carregado de significados pessoais polifônicos, convergindo e entrelaçando laços entre indivíduos e grupos que vão se chegando, indo e vindo, nessas décadas de vida do bar

---

<sup>16</sup> Na perspectiva sociológica de Simmel, considerado o fundador da chamada "sociologia formal" ou "sociologia das formas", no campo do estudo dos fenômenos sociais que favorece a análise microssociológica a partir das ações e reações dos atores sociais em interação. SIMMEL, G. **Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización**. Madrid: Alianza Editorial, 1977.

<sup>17</sup> O nome da rua onde se localiza o bar/boteco é em homenagem ao músico Benedicto Lacerda (Macaé, 14/3/1903 - Rio de Janeiro, 16/2/1958) foi um compositor, flautista e maestro brasileiro. Nasceu em Macaé do estado do Rio de Janeiro, e desde pequeno frequentou a Sociedade Musical Nova Aurora. Ao passar a morar na capital cresceu num ambiente de muitos "chorões" e sambistas, ao lado de Bide, Noel Rosa, Ismael. A vida desse artista se cruza com a história desse bar, coincidindo no endereço e no cultivo do samba.

<sup>18</sup> O conceito de lugar expresso aqui remete a reflexão do antropólogo francês Marc Augé, em sua obra *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, definindo-o como simbolizado, identitário, relacional e histórico e entendido a partir da "[...] possibilidade dos percursos que nele se efetuam, os discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza". AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/SP: Paupirus, 1994

<sup>19</sup> Do latim *bohemius*, a palavra "boemia" associa-se comumente ao estilo de vida à margem das regras sociais, privilegiando a arte e a cultura acima das coisas materiais. No sentido lato, uma pessoa boêmia é aquela que leva este tipo de vida, mas este termo também permite referir-se à boemia em geral, como a comunidade de pessoas que vive desta forma. Originalmente Boêmia é uma região da República Checa de onde partiram muitos grupos de ciganos com destino a outros países europeus. Os ciganos, à semelhança dos artistas do século XIX, viviam com valores sociais diferentes dos da burguesia conservadora e sedentária. Por associação, os intelectuais e artistas passaram a ser conhecidos como sendo boêmios.

ligado a história do samba e do choro.<sup>20</sup> Destaca-se sobretudo os que vão ficando, os *habitués* que se integram quando cantam, tocam, sambam ou apenas acompanham o grupo de músicos que também se chama *Bico da Coruja*. Um dos sambas da roda sintetiza seu traço:

Aqui é o Bico, aqui é que eu fico  
Ouvindo cavaco, pandeiro, violão, bandolim  
E a tambora fazendo  
O que de melhor há no som brasileiro.  
Aqui é o Bico, aqui eu sou rico  
De amigos, de som de alegria  
Curtindo a gelada pela madrugada  
Esqueço as agruras do meu dia a dia.  
Aqui é o Bico, depois eu explico  
O caminho pra esse lugar  
Onde o tempo passa sem nenhuma pressa  
Enquanto o chorinho se espalha no ar.  
Aqui é o Bico, é na Benedito  
Lacerda, 134, quem vem não esquece  
'Tá' certo, 'tá' dito, um beco é o bico,  
Eu digo que fico e o dia amanhece.

Se pensarmos o clássico lexema liberal “tempo é dinheiro”<sup>21</sup> e a forma como as interações sociais têm se mecanizado, a partir da objetividade do relógio e do “mundo do trabalho”, reconhecemos no Bico da Coruja um lugar de possibilidades de construir e reconstruir momentos mais sólidos, “onde o tempo passa sem nenhuma pressa”, passa por vivências: tempo da boêmia.<sup>22</sup> Dessa maneira, os *habitués* há 35 anos dão sentido ao verso final do samba citado acima: “Eu digo que fico...”

<sup>20</sup> No portal *Agenda Cultural* do Rio de Janeiro, patrocinado pela Petrobrás, o Bico da Coruja apresenta-se com os seguintes dados: Terra de Benedito Lacerda e de Viriato Figueira da Silva, precursores do choro, Macaé preserva um reduto tradicional de choro e samba. Localizado no corredor cultural Benedito Lacerda, o bar e restaurante Bico da Coruja reúne há mais de 20 anos um grupo de amigos e músicos, também intitulado Bico da Coruja, com dois cds gravados. O clima é descontraído e alegre e o ponto de encontro atrai outros músicos e grupos de Macaé e arredores. Quatro composições do primeiro cd do Bico da Coruja são de Jorge, músico e professor de literatura que tocou durante dez anos com Aldir Blanc e escreveu 16 músicas sobre Macaé. O colega Benzê, que ganhou o apelido depois de fazer o samba de breque Benzetacil, já dividiu palco e mesa com grandes nomes do samba, como Monarco, Nelson Sargento, Wilson Moreira, Paulinho da Viola, Hebert de Souza, Paulo Emílio e Moacir Luz. O terceiro integrante do grupo é Zé Rangel, professor de clarinete e iniciação musical da Sociedade Musical Nova Aurora. Em 2011 publicou Partituras em Livro, com 26 músicas de sua autoria em ritmos variados, como bossa nova, choro e jazz. SERVIÇO - Quando: Toda quarta-feira. Endereço: Rua Benedito Lacerda, 134, Macaé: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/os-choroes-e-o-bico-da-coruja>

<sup>21</sup> “Time is Money”. Frase atribuída ao norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790).

<sup>22</sup> As referências a boêmia são recorrentes e se encontram factualmente na biografia de Benedito Lacerda, que no final da década de 1920 tocou com o grupo regional *Boêmios da Cidade* no Rio de

O Bico da Coruja foi fundado em 1982 e completa 35 anos no ano corrente.<sup>23</sup> Enquanto bar fica situado em uma região central da cidade de Macaé, próximo ao mercado de peixes e envolto por residências e moradores na maioria ligados a história da pesca. O boteco tem traços identitários comuns ao ramo de negócios ao qual tem pertencimento e vínculos de longa data. Sua história enquanto bar se cruza com a história do samba e do choro, mas também com a vida dos pescadores, vendedores e comerciantes da região. É fato que dois anos após a inauguração começaram os encontros que transformaram o bar em um recanto cultural e de boêmia. Estas relações entre culturas e práticas ligadas a pesca e ao samba foram se entrelaçando na história e dando novos sentidos as memórias locais, tornando o Bico um “lugar”, no sentido antropológico empregado pelo francês Marc Augé: “relacional, histórico, identitário, construído a partir dos percursos e linguagens que produz”.<sup>24</sup>

O samba e o choro no Bico da Coruja não tinham um dia fixo para acontecer, durante boa parte do seu percurso. Nas palavras de César, Celso e Ivan, os musicistas e *habitués* mais regulares da história do bar: “foi se experimentando um monte de coisas, mas nem tudo emplacava, até que a quarta-feira se tornou o dia ideal. No meio da semana, virou o dia ideal para descansar o estresse, recarregar e seguir”. Em nenhum momento das entrevistas realizadas,<sup>25</sup> - Wallace (o “presidente”) e outros musicistas que foram se agregando, como Edson “Batata” e Daniel -, as datas fixas e precisas ou narrativas pragmáticas eram vistas como determinantes. Vê-se que o significado do bar e do grupo para cada um deles, para os demais frequentadores e para a cidade remete ao tempo não calculado, que foge ao controle da produção em série e automatizada. Nas palavras de César, participar do bar e do grupo é como “uma marca, uma higiene mental, um ponto de descanso para aguentar o resto da semana”. O Bico da Coruja foi

---

Janeiro, acompanhando *Josephine Baker*, com apresentações em cinemas, orquestras de teatros, dancings e cabarés. Atuou também como saxofonista em algumas orquestras de jazz da época.

<sup>23</sup> Nota-se que em 11 de maio de 1982, portanto, nesse mesmo ano, inaugura-se o terminal terrestre de Cabiúnas da Petrobrás, que tem como principais atividades o recebimento e o armazenamento do petróleo originado da Bacia de Campos pelo oleoduto Cabiúnas-Barra do Furado, enviado para o terminal de Campos Elíseos pelo oleoduto Cabiúnas-Duque de Caxias.

<sup>24</sup> AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Paupirus, 1994

<sup>25</sup> Foram realizadas 14 entrevistas com membros do grupo musical e frequentadores do bar Bico da Coruja, no decorrer dos anos de 2016-17, período no qual foi realizado a pesquisa de campo para apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Humanidades na Contemporaneidade (PGHUM – UFRJ Campus Macaé) (Moreira Júnior, 2017).



se constituindo em um espaço de se encontrar, não apenas com os amigos, mas de se encontrar no sentido existencial, filosófico até, de ter um tempo para si e se distanciar do ritmo das obrigações prosaicas da vida: é o tempo lúdico, o tempo da poesia.

O próprio nome do bar e do grupo é mais um exemplo da dimensão informal que permeia as histórias do lugar.<sup>26</sup> A partir de uma analogia feita por um amigo do “presidente”, Erotildes Monteiro (Tidinho), como o lugar era “escondido” foi associado livremente a ideia de um “bico”/beco, daí formar-se o nome “Bico da Coruja”. Tidinho tinha o hábito de chamar os lugares mais distantes ou escondidos, nos quais fazia as entregas do supermercado em que trabalhava, desta forma brincalhona, o que acabou sendo adotado para designar tanto o bar como o grupo de músicos que se reunia no local. E esta questão de espacialidade ou territorialidade chama a atenção por uma aparente ambiguidade. A origem do bar como o “Bico da Coruja” remete a uma ideia de distância, um beco escondido ou de difícil acesso, no entanto sua localização é no Centro de Macaé. Certamente, nos anos 80, os fluxos de comunicação e transporte tinham uma dinâmica muito diferente daquelas que existem atualmente. A dificuldade de acesso pode passar por essa diferenciação de topografia. É fato que em cada recorte de tempo a sociedade vai percebendo sua localidade e seu acesso ou deslocamento no seu labirinto de modo diferente, mudando suas referências espaciais. Não é nosso objeto aqui tratar acerca da marginalização sócio-espacial de certos lugares na topografia da cidade, mas é fato que até hoje a localização do bar fica numa parte oculta do Centro de Macaé. Logradouro que a noite, após as atividades comerciais e econômicas predominantes, torna-se ermo, propiciando, por exemplo, que algumas ruas circunvizinhas sejam transformadas em ponto de prostituição.<sup>27</sup>

Todas as quartas-feiras chegam frequentadores de várias localidades em fluxos de horários noturnos distintos, com noites em que há presença mais concorrida e outras não. O Bico da Coruja tornou-se um lugar marcante para a própria formação musical de muitos frequentadores, estudantes universitários e boêmios da cidade. Wallace afirma em entrevista que não gostaria de se gabar do fato do bar ser um ponto de encontro dos

---

<sup>26</sup> Mais recentemente foi produzido um documentário chamado *Bico da Coruja*, com gravações realizadas por Débora Dias em novembro de 2012, tendo o trabalho finalizado e publicado em janeiro de 2013 (<https://www.youtube.com/watch?v=MxCmp5E-edk>). Esse material filmográfico segue a linha de registro dos contadores de histórias do bar e do grupo de samba com o mesmo nome.

<sup>27</sup> Sobre essa proximidade com pontos de prostituição, é notável que jamais se encontra a presença de prostitutas circulando perto ou na frente do bar. Criou-se um sentido de territorialidade imaginária que delimita o campo de ação, tornando quase que proibitivo a mistura de atuações.

melhores músicos de samba da região, mas é o que ele considera de mais valioso e que diferencia o lugar. A história do jovem Daniel Abreu é um exemplo singular. Apresentado ao grupo e ao bar semanas após nascer, foi formando suas bases morais familiares e aptidões artísticas acompanhando seu pai nesses encontros de quarta-feira. Hoje, aos 18 anos, é figura constante nas rodas e na própria imagem do samba na cidade. Daniel é a renovação de uma história, de um alto significado simbólico para o grupo, e se apresenta como Sherry Ortner afirma:<sup>28</sup> “uma consciência cultural e historicamente específica”. É dessa forma que ele e o pai identificam suas relações com o bar e o grupo, assim como os demais musicistas. Como afirmou o “presidente”: “Daniel foi criado no Bico. É um orgulho ver o garoto tocando com a gente”.

Dessa forma, cultivando a memória da “velha guarda”, e construindo novas histórias com músicos da nova geração, - representada na trajetória de Daniel, entre outros -, o Bico da Coruja vai dando continuidade às suas atividades culturais e de lazer boêmio no calendário semanal na cidade. Passou a ser uma referência sólida e tradicional de laços sociais de músicos e admiradores, de encontro com a música e de desaceleração da teia ordinária do “mundo do trabalho”. O Bico da Coruja não é narrado ou percebido por seus protagonistas como uma distração ou um estado passageiro, é exaltado como uma extensão de cada um deles e de suas subjetividades. Em muitos momentos das entrevistas não se encontra a fronteira entre o bar como espaço físico e a vivência cultural e pessoal.

## A CAPITAL NACIONAL DO PETRÓLEO

A transformação da cidade de Macaé nas últimas quatro décadas foi promovida principalmente pela instalação da indústria do petróleo e gás a partir de 1982. Tal fato promoveu abalos nas espacialidades e sociabilidades regionais e locais. Segundo o IBGE, no censo de 2010, a população local chegava à 207.000 habitantes e a estimativa para 2015 chegou à 235.000 pessoas. Desse total, mais de 10% constitui-se de imigrantes de cinquenta nacionalidades diferentes. Percebe-se o salto quantitativo que multiplicou a população em cinco vezes, na medida em que na década de 1970 a população estimada era de apenas 47.000 pessoas. Esse dado demográfico se torna

---

<sup>28</sup> ORTNER, Sherry B. **Subjetividade e crítica cultural**. Horiz. antropol. [online]. 2007, vol.13, n.28 [cited 2017-05-13], pp. 375-405. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200015&lng=en&nrm=iso).

ainda mais significativo se compararmos com os municípios circunvizinhos da região Norte e Nordeste fluminense:

Região e Municípios	1970	1980	1991	2000	2009*
Região Norte Fluminense	471.038	514.644	611.576	696 988	811.079
Campos dos Goytacazes	285 440	320 868	376 290	406 511	434.008
Carapebus	8 164	6 834	7 238	8 651	11.939
Cardoso Moreira	17 958	14 728	12 819	12 579	12.481
Conceição de Macabu	11 560	13 624	16 963	18 706	20.687
<b>Macaé</b>	<b>47 221</b>	<b>59 397</b>	<b>93 657</b>	<b>131 550</b>	<b>194.403</b>
Quissamã	9 933	9 620	10 467	13 668	19.878
São Fidélis	35 143	34 976	34 581	36 774	39.256
São Francisco de Itabapoana	39 883	35 932	38 714	41 046	47.832
São João da Barra	15 736	18 665	20 847	27 503	30.595

Fonte: IBGE - Censos Demográficos (1970, 1980, 1991 e 2000) e estimativa de 2009.

Com um crescimento populacional local muito acima da média nacional, Macaé se tornou um *global case* com diversos *pappers* e publicações acerca das características dessa transformação avassaladora.<sup>2930</sup> Tal impacto casou e tem causado reflexos profundos na vida dos moradores, com capitais e mercadorias da indústria do petróleo dominando as relações sociais. A economia do petróleo passa a predominar no tecido social urbano e a dimensão provinciana, de "interior", de enraizamento e de vínculos determinados pelo "coração", pela emoção, tradição e relações interpessoais e subjetivas nos lugares vão perdendo espaço para os laços impessoais, capitalísticos e predominantemente fiduciários.

Discorrer acerca dessas fissuras dos laços culturais e suas relações com os lugares, pessoas, sentimentos e atitudes demanda um artigo muito mais abrangente. Mas, nos cabe salientar que, a partir dessas considerações podemos pensar nesse processo hegemônico de mudanças abruptas na infraestrutura local, produzindo efeitos deletérios na superestrutura da sociedade, com a fragmentação, desterritorialização e desenraizamento de milhares de migrantes e imigrantes, em choque com uma população local atônita. Observa-se assim a proliferação de produção de "não lugares", como *shopping centers*, lojas e departamentos comerciais, especulação imobiliária e marginalização de populações em favelas e bairros degradados. A cidade de Macaé

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Luis Fernandes de. **Exclusão étnico-racial**: um mapeamento das desigualdades étnico-raciais no município de Macaé. Programa Macaé Cidadão, 2005.

<sup>30</sup> RAMOS, Margarete da Silva. **Indicadores de impactos da indústria de petróleo**: estudo de caso daregião polarizada pelo município de Macaé. Dissertação de mestrado em Engenharia Ambiental linha de pesquisa desenvolvimento e sustentabilidade. Instituto federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense – Macaé :[s.n], 2009.

passa a ser palco de interesses globais, e a população autóctone, local, perde o controle sobre as decisões políticas e sociais.<sup>31</sup>

Entretanto, ainda é possível percebermos e vivenciarmos, nessa rede urbana fissurada, experiências de enfrentamento, de resistência e de singularização procurando manter as subjetividades e laços sociais locais. As resistências culturais e subjetivas ainda se mantêm através dos movimentos populares como Escolas de Samba, grupos folclóricos como Boi Pintado, etc., além das expressões literárias e artísticas de grupos regionais. E é desse cenário que sobressai o Bico da Coruja.

Recolhemos diversos depoimentos nos quais se registram a visão dos *habitués* e musicistas, em entrevistas ou espontaneamente no bar, ao definirem o momento das rodas de samba nos últimos anos. Percebe-se uma certa nostalgia, marcando a perda da aura do passado mais valoroso. Eles dizem que hoje tem “menos respeito”, isto é, “existe falatório paralelo a música”, a distração do celular, uma maior irregularidade na frequência. Esses são fatores que têm produzido uma atmosfera de desencanto com os tempos atuais, com frequentes críticas a péssima qualidade musical atual, por exemplo. Já alguns frequentadores apenas se consideram fãs do lugar, sem um vínculo mais efetivo e constante. Outros buscam no Bico da Coruja uma espécie de “higiene mental”, aspecto que é enfatizado por Cezar, Celso e Ivan, e que chegou a ser registrado no documentário citado.

Como se vê, a cidade se transformou nas últimas décadas mudando o seu perfil num processo de urbanização perturbador. Porém, a modernização de diversas atividades e estruturas decorrida desse processo, não conseguiu destruir com a proposta do Bico da Coruja, que continua resistindo como um lugar do samba e da boemia, e como o espaço de amizades sólidas, de redes interpessoais projetando-se no tempo, como um patrimônio imaterial. Tal processo tem deixado suas marcas no bairro, carregado de historicidade que se estampa nas paredes das casas, no tombamento da rua, nas atividades artísticas e culturais recorrentes.

## O BICO É UM “ESTADO DE ESPÍRITO”

---

<sup>31</sup> CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Moral e política na alta modernidade:** uma cartografia da fragmentação. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Janeiro/Fevereiro/Março/Abril/Maio/Junho de 2016 Vol. 13 Ano XIII nº 1.

São os passos que moldam os lugares e os transformam em espaços, que inserem e inscrevem nestes, camadas simbólicas que se sobrepõem e criam uma extensa rede de significados que, compartilhados simbolicamente através da comunicação, modificam os usos que os sujeitos fazem dos mesmos.

Michel de Certeau<sup>32</sup>

O livro *Identidade*<sup>33</sup> o sociólogo Zygmunt Bauman desnuda as relações entre identidade e pertencimento, sua historicidade, tomando como ponto de partida a construção dos Estados-nações no Ocidente. A reflexão avança sobre a transitoriedade dos signos na modernidade líquida considerando os impactos das mudanças tecnológicas e econômicas através das “forças de globalização”. Entre tantos pensamentos penetrantes brilha a constatação de que “estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais”. No decorrer da análise sobre a questão da identidade, Bauman evidencia como a volatilidade e a impermanência acabam por transtornar a própria concepção de comunidade. Em função da força das relações virtuais na contemporaneidade, a associação entre indivíduos e a construção identitária dos grupos sociais e de seus laços passam a dispensar a importância da convivência direta. As conexões e desconexões sociais vão se processando pelas pontes e redes da internet e *smartphones* e o que vai se configurando como parte imanente da realidade são interrelações entre sujeitos que, apesar da distância física, tornam o espaço e o tempo relativo. Nessa dimensão de sociabilidade, as telas distorcem os vínculos subjetivos concretos inerentes as relações subjetivas humanas e a própria medida do que se constitui como um relacionamento social: uma legião de “conhecidos” ganha a titulação de “amigos” nas redes sociais. Desse modo, reconhecemos a alta volatilidade dos fluxos sociais e culturais humanos como fundamentos sociológicos da atualidade.

Desse cenário desumanizador o Bico da Coruja destaca-se como uma resistência artística e cultural importante no contexto regional. A aura do bar se mantém com o samba das quartas-feiras e se materializa na (des)razão boêmia dos musicistas numa trajetória de 35 anos de histórias e memórias. O ponto de encontro é amador na

---

<sup>32</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 176.

<sup>33</sup> BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro; Ed. Zahar, 2005

etimologia da palavra: não se deseja a profissionalização. Desde o ato de pagar a própria cerveja ou água, - porque não há garçons -, e mesmo sendo os artistas da noite, no rito da roda de samba e choro, cada um paga a sua bebida e comida. Eles tocam e cantam para si e para o Bico. O canal do tempo se abre e fortalece a promoção das memórias culturais e do cultivo da amizade. O Bico lembra a *philia* que movia a origem da filosofia na relação entre a roda e o bar. Relação que ganha um simbolismo fascinante quando lembramos que a coruja é o símbolo da filosofia através da narrativa mítica da deusa Minerva, equivalente romana da deusa grega *Athena*, filha predileta de Zeus e Metis. A coruja de Minerva significa a conselheira, a portadora da sabedoria filosófica. O samba e o choro não representam um negócio ou um entretenimento secundário para o “bate papo” após uma jornada de trabalho típica. Estar presente no lugar é a essência da motivação dos frequentadores, testemunhas de *performances* sempre improvisadas, permitindo até a participação direta na roda, apesar do “presidente” fazer a censura recorrente do que harmoniza ou desafina, sobretudo em termos de comportamento. O Bico se torna a Minerva das quartas, e como escreveu o filósofo alemão Hegel: “A coruja de Minerva só voa ao anoitecer”.<sup>34</sup>

Evidente que no percurso do tempo as transformações estão presentes e reconfiguram as percepções acerca do “lugar”. Durante a entrevista, o “presidente” afirmou que “algumas vezes é cansativo tudo isso”, que “muita coisa mudou e as pessoas não vem ao samba como antes”. Mas o próprio “presidente” também afirma que “é muito gratificante, e mexe com a vaidade ver gente nova procurando o Bico por admiração à música”. Esse é um ponto singular: a capacidade de manter a tradição construída e com isso fortalecer algumas características do Bico que não se dissolvem nos tempos líquidos, nas expectativas líquidas e na mercantilização das relações nos moldes capitalistas. Mesmo quando a roda percebe estar convivendo com mais “clientes/fregueses” do que *habitués*, a possibilidade de vir a enraizar novos *habitués* ou de transformar jovens “clientes” em novos *habitués* anima os musicistas como um projeto de transmissão de um legado e de uma herança cultural e artística valiosa.

Na pesquisa percebemos na espereita (*tracking*) do olhar dos frequentadores do bar e dos participantes do grupo de samba que o Bico da Coruja é um “lugar”

---

<sup>34</sup> O filósofo alemão Friedrich Hegel em sua obra *Filosofia do Direito* (1820) ilustra a harmoniosa relação entre a coruja e a filosofia: “A coruja de Minerva alça seu vôo somente com o início do crepúsculo”.

antropológico, um “lugar” que se afasta dos padrões hegemônicos e “líquidos” dominantes nos laços sociais e culturais das cidades: uma fuga da lógica do capitalismo e da globalização na contemporaneidade. Lugar onde as subjetividades e as identidades dos sambistas e boêmios atravessam o tempo e as gerações através da música e dos vínculos interpessoais ali produzidos e simbolizados. Um “lugar” onde o tempo é vivenciado como um prolongamento de memórias, amizades, com significados individuais e coletivos que não se separam do rito semanal da roda de samba e choro. Nas palavras do “presidente” e do cavaquista Edson “Batata”: “*O Bico da Coruja é um estado de espírito*”.

Um exemplo recente de resistência do grupo de músicos ligados ao Bico da Coruja à lógica mercantil, pôde ser constatado no fato muito significativo de a Petrobrás numa quinta-feira, dia 11 de maio, às 9 da manhã, ter realizado uma cerimônia de comemoração aos 35 anos do Terminal de Cabiúnas criado em 11 de maio de 1982, em Macaé.<sup>35</sup> O evento teve a participação de autoridades locais, regionais e nacional. O nome escolhido para a base foi o de Benedicto Lacerda, em homenagem ao famoso músico macaense. Canções de seu repertório foram apresentadas por um trio musical. Parentes e amigos de Lacerda estavam presentes na homenagem. O grupo de músicos do Bico da Coruja foi convidado e iria receber um cachê em torno de 15 mil reais, todavia, como um dos participantes, por força de impedimento em atenção aos familiares, não podia participar do evento, o grupo integralmente rejeitou a participação na homenagem ao Benedicto Lacerda pela Estatal do Petróleo e Gás! Esse caso ilustra bem o desinteresse em transformar o amor (de amador) pelo samba e choro, e pela memória do músico macaense, em mercadoria e benefícios fiduciários. Tal comportamento e decisão causa estranheza num mundo dominado pelos interesses econômicos. Trata-se como se vê de uma atitude totalmente coerente com o discurso e os valores que são defendidos e cultivados pelo grupo musical e fundadores do bar.

Uma simples visita numa quarta-feira aleatória de uma semana qualquer do ano tanto pode propiciar uma viagem através da música pelo mundo do samba e do choro, como se pode viajar na memória através das fotografias do “lugar” penduradas nas paredes cobertas de retratos e notícias do Bico, de outros tempos, e viajar também nos tempos de Benedito Lacerda. Pode-se observar no bar o velho caderno de anotações de

---

<sup>35</sup> Nota-se que curiosamente esse ano de 1982 é o mesmo ano de inauguração da lanchonete e bar Bico da Coruja.

“sempre”; a circulação constante entre as mesas e o banheiro passando por dentro do bar<sup>36</sup>; as mesas nas ruas; os vizinhos em convivência harmoniosa; a oscilação comum de uma produção cultural que é feita ao ar livre; a rotina noturna sujeita as intempéries do clima e as distinções provocadas pelas estações; a roda de samba e choro sem horário ou integrantes regulares; a simplicidade do “presidente” e as suas recorrentes lembranças, e eventuais maus humores. São muitos traços de sedimentação de uma solidez resistente aos fluxos de desenraizamento e consumo. São traços que constituem uma comunidade, um recanto, um refúgio. Conforme Cézar afirmou: um lugar para “o papo”, “o bom papo”, “a higiene mental”.

A cidade se transformou em grande escala com a indústria do petróleo e do gás, toda cadeia de impactos que esse modelo de economia tende a gerar nas teias da sociabilidade, afetadas pela máquina de produção de vulnerabilidades. Porém, presente durante a maior parte do tempo destas transformações econômicas, o Bico da Coruja tem garantido a preservação de tradições no seu santuário do samba. Para muitos, este é um atributo indissociável da figura do “presidente” e dos seus musicistas. O tempo dirá sobre a durabilidade da resistência desse recanto do samba e choro. O que não depende mais do tempo que virá é a simbologia e significado que construiu na vida cultural da cidade e na vida ordinária dos velhos e novos *habitués*. O bico é um estado de espírito porque é visto por quem canta, toca e frequenta como o lugar/espço para buscar o estado de espírito que humaniza nossas relações, que nos reintegra ontologicamente como ser, que nos lembra que se divertir e conversar, ver e fazer amigos são vitais, em qualquer tempo. Com esse perfil cultural e artístico o Bico da Coruja nos apresenta uma outra face da cidade de Macaé, capital nacional do petróleo e do gás.

**RECEBIDO EM: 15/05/2017**

**PARECER DADO EM: 22/02/2018**

---

<sup>36</sup> O banheiro original só possuía um sanitário de uso próprio aos homens. Numa ocasião as mulheres após reiteradas reclamações conseguiram que fosse disponibilizado um sanitário para elas.